

MAPEAMENTO DOS PRÉDIOS REPRESENTATIVOS DA ARQUITETURA PÓS-MODERNISTA EM PELOTAS/RS Neo-racionalistas, historicistas e virtuais

*MAPPING OF REPRESENTATIVE BUILDINGS OF POST-
MODERNIST ARCHITECTURE IN THE CITY OF PELOTAS/RS
Neo-rationalist, historicist and virtual*

Jeferson Francisco Selbach¹

Resumo

A arquitetura contemporânea tem por característica a diversidade de formas e tendências, naquilo que se convencionou denominar de arquitetura pós-modernista. Objetivamos apresentar levantamento de prédios representativos da arquitetura pós-modernista de Pelotas/RS, de modo a perceber quais tipos desta tendência arquitetônica se fazem mais presentes. Como método, selecionamos doze prédios cujas fachadas foram fotografadas e onde destacamos os campos de observação que permitem considerar as obras representativas de uma arquitetura pós-modernista, tais como detalhes da construção, a unidade arquitetônica, o espaço ocupado, a fachada e o corpo arquitetônico, a tipologia e o contexto da construção. Os doze prédios foram divididos em três categorias: neo-racionalistas, historicista, e virtual. O resultado destaca composições geometrizadas e distorções de formas, mescla do estilo eclético com contemporâneo de linhas geometrizadas, e composição de forma sem função estrutural. A partir do levantamento pode-se afirmar que Pelotas possui prédios representativos da arquitetura pós-modernista.

Palavras-chave: arquitetura pós-modernista, arquitetura neo-racionalista, arquitetura historicista, arquitetura virtual, Pelotas.

Abstract

Contemporary architecture is characterized by the diversity of shapes and trends, in what has been conventionally called postmodernist architecture. We aim to present an index of representative buildings of postmodernist architecture in Pelotas/RS, in order to understand which types of this architectural trend are more present. As a method, we selected twelve buildings and photographed their facades, highlighting the observation fields that allow us to consider them as representatives of postmodernist architecture, like construction details, architectural unit, occupied space, the facade and the architectural body, the typology and the construction context. The twelve buildings were divided into three categories: neo-rationalist, historicist and virtual. The result highlights geometric compositions and shape distortions, blending eclectic and contemporary style of geometric lines, and shape composition without structural function. From the survey, it can be said that Pelotas has buildings that are a representation of postmodernist architecture.

Keywords: postmodernist architecture, neo-rationalist architecture, historicist architecture, virtual architecture, Pelotas.

¹ Licenciado em Ciências Sociais (Unisinos, 1996), Mestre em Planejamento Urbano e Regional (UFRGS, 1999) e Doutor em História (Unisinos, 2007). Professor Associado IV da Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

Introdução

A arquitetura contemporânea tem por característica a diversidade de formas e tendências, naquilo que se convencionou denominar de arquitetura pós-modernista. É representativa deste início do Século XXI, em que a multiplicidade das intenções humanas está cada vez mais visível. E traz como inovação o fato de se apresentar de diferentes possibilidades e nas mais variadas formas, dificultando uma classificação exata. Podem ser apontadas correntes ou tendências que se desdobram, mas também se imbricam entre si. As mais visíveis são as derivadas da arquitetura modernista, com combinações nas mais diversas formas, as lúdicas, que instam o olhar dos usuários a partir de diversas formas orgânicas, e as que buscam certa sustentabilidade, com uso de elementos do passado.

A arquitetura pós-modernista comunga com a chamada arquitetura modernista o fato de romper com o passado, renovando constantemente, em um movimento contínuo e incessante de modificação, característico dos tempos atuais. Mas, diferente da arquitetura modernista, não necessariamente rejeita a priori estilos anteriores. Antes, os adapta, reconfigura, com releituras e proposições de novas tendências ou sugestões de ideias radicalmente inovadoras. Desta maneira que, tanto pode utilizar-se da chamada construção honesta – estrutura aparente, forma seguindo a função, concreto, ferro e vidro – quanto se permitir o uso de ornamentos e fachadas sobressalentes para criar designs diferenciados cujo objetivo é impactar aqueles que circulam pelos espaços construídos.

Objetivamos, neste trabalho, apresentar levantamento de prédios representativos da arquitetura pós-modernista de Pelotas/RS, de modo a perceber quais tipos desta tendência arquitetônica se fazem mais presente na região. Tais manifestações arquitetônicas carregam em si diferenciais por estarem situadas em uma cidade com características únicas, como é Pelotas, mas também podem configurar enclaves urbanos em meio à paisagem. Esta zona de riquíssima cultura é atravessada pelos mundos hispano-portugueses, indígenas e africanos, influencia e é influenciada por esta arquitetura dita pós-modernista. Tal hibridismo representado em suas construções forma uma identidade própria da região, que a diferencia de outras paragens. Neste sentido, situa a região nesta perspectiva do olhar sulista para seu entorno e para além das suas fronteiras. O viver em um continente ao sul da linha imaginária do Equador, no sul latino-americano, no sul-brasileiro, na metade sul do Estado, o nosso sul.

Método

Delimitamos metodologicamente para este estudo um dos quadriláteros pelotenses mais economicamente valorizados, na chamada Zona Norte. O perímetro escolhido faz parte do Centro e abriga as regiões da Luz, Cohabpel e Treptow. Limita-se entre as avenidas Bento Gonçalves, Juscelino Kubitschek de Oliveira, Dom Joaquim e Fernando Osório e rua Santos Dumont. A escolha deu-se em razão de que esta área, apesar de fazer parte do Centro de Pelotas, não compõe o núcleo de preservação histórico, onde estão localizados vários prédios exemplares do período eclético, construídos entre o final do Século XIX e início do Século XX. Por ser uma zona de expansão mais recente, a maior parte das construções do perímetro escolhido são da segunda metade do Século XX em diante, fazendo com que a zona passasse por um processo de renovação arquitetônica mais consistente e permitindo o aparecimento de prédios com características pós-modernistas.

Selecionamos doze prédios considerados representativos da arquitetura pós-modernista. A partir desta seleção, fotografamos a fachada de cada um dos prédios

e destacamos os principais aspectos, os campos de observação que permitem considerar as obras representativas de uma arquitetura pós-modernista, tais como detalhes da construção, a unidade arquitetônica, o espaço ocupado, a fachada e o corpo arquitetônico, a tipologia e o contexto da construção (KEMP, 2009). Para fins de análise metodológica, dividimos os doze prédios em três categorias.

Na primeira, consideramos oito prédios como sendo pós-modernistas neo-racionalistas: Condomínio Edifício Solar da XV, na rua Quinze de Novembro, lado oeste, entre as ruas Amarante e Padre Felício; Condomínio Versailles, na avenida Dom Joaquim, entre a avenida General Osório e a rua Guilherme Wetzel; Condomínio Residencial Michel Karam, na avenida Dom Joaquim, esquina rua Quinze de Novembro; Condomínio Residencial Da Luz, na rua Gonçalves Chaves, entre as ruas da Luz e Antônio dos Anjos; Edifício Monte Carlo, no final da rua Senador Carlos Barbosa; Condomínio Edifício Quinze de Novembro, na rua Quinze de Novembro, lado leste, entre as ruas Amarante e Padre Felício; Residência, na esquina das ruas Armando Gastaud Sica e Paulo Marques; e Clínica Otoplena, na rua Padre Anchieta, entre a rua Barão de Azevedo e avenida Dom Joaquim.

Na segunda categoria, consideramos três de caráter pós-modernista historicista: antigo Restaurante Chu, localizado na esquina das ruas Andrade Neves e Barão de Azevedo Machado; Escritório de Advocacia Eduardo Menezes Gomes da Silva, na esquina da rua Antônio dos Anjos e avenida General Osório; e Clínica Angiocor, na rua Gonçalves Chaves, entre as avenidas Domingos de Almeida e Bento Gonçalves. Incluímos o décimo-segundo prédio selecionado – o Restaurante Ichiban; na rua Padre Anchieta, entre as ruas Antônio dos Anjos e Rafael Pinto Bandeira – numa terceira categoria, devido a sua referência à arquitetura pós-modernista virtual.

Antes de analisarmos detalhadamente a arquitetura dos prédios selecionados, discutimos teoricamente os principais conceitos sobre modernidade e pós-modernidade e como a arquitetura pós-modernista se insere neste contexto. Justificamos a revisão bibliográfica com a escolha de autores que lançaram um olhar mais amplo sobre o período em que vivemos. Esta percepção ampliada permite um recorte para analisar como a arquitetura pós-modernista se insere neste contínuo movimento de modificação das relações humanas, numa ruptura com as condições históricas precedentes, na permanente alteração do cotidiano, na paisagem e no que dá vida a ela, numa arquitetura marcada pelo pluralismo onde o espaço reflete a cultura do lugar.

Pós-modernidade e arquitetura pós-modernista

Os conceitos sobre modernidade e pós-modernidade são bastante ambíguos, fugidios, carecem de amplitude para explicar tudo aquilo a que se propõe. Modernidade pode ser definida, a partir de BERMAN (1986), como a experiência de tempo e espaço, na qual a espécie humana está passando, de uma ou outra forma, nos últimos cinco séculos. A modernidade é o turbilhão que mantém a humanidade num perpétuo estado de vir-a-ser, num movimento contínuo de modificação da sua maneira de ser, de agir, de sentir, mas que não parece ter uma finalidade em si, a não ser o próprio girar da roda. A essência do ser moderno é, neste sentido, carregada da ambiguidade de transformar a si mesmo e ao mundo, mas sempre com a sensação de ameaça pessoal.

Tal ambiente moderno independe de espaço geográfico, fronteiras territoriais, étnicas, culturais, econômicas, sociais, religiosas ou mesmo ideológicas. A modernidade, nesta perspectiva, une os indivíduos, mas numa unidade paradoxal, pois joga o ser humano num estado de perpétua contradição e renovação. Neste sentido é que o termo modernidade seria imbuído de uma conotação auto-renovante, que não pretende

preservar nem a si mesmo, quanto mais algo que pertence ao passado, sejam formas antigas ou primordiais de seu próprio movimento.

HARVEY (1994), analisando como esta concepção de modernidade reflete no urbano, define como um interminável e implacável processo de ruptura com as condições históricas precedentes. A sociedade seria orientada para intermináveis guinadas de transformações e rupturas com o passado, dando um sentido crítico para todas as coisas que surgem e se autotransformando, de etapa em etapa. Um novo mundo criado destruindo boa parte do que preexiste, onde a única coisa segura seria a própria insegurança. Palavra de ordem presente, sobretudo nas cidades, visto tanto no traçado quanto na arquitetura, não só na metrópole desenvolvida e tecnológica, mas também na periferia pauperizada.

O conceito de pós-modernidade seria, também neste sentido, muito mais estético, utilizado pela necessidade de marcar-se a diferença histórica em relação às gerações anteriores, em relação a uma época fortemente denominada de modernidade. Segundo BOLLE (1994), a denominação mais adequada para a pós-modernidade seria a modernidade pós-moderna. HALL (2004) sugere o termo modernidade tardia para denominar o período da segunda metade do Século XX em diante, marcado pela também chamada modernidade pós-industrial (RANGEL e RIBAS, 2011).

Partindo dessa concepção de modernidade, BERMAN (1986) categoriza os aspectos materiais e processuais que dão vida à modernidade como modernização, assim denominado como tudo aquilo que diz respeito ao caráter concreto da vida atual. Já o modernismo envolveria tudo que diz respeito à sensibilidade perceptiva e criativa dos que pertencem a essa época, o caráter paradigmático da fé modernista dos novos seres humanos que conseguem absorver as contradições da modernidade.

À arquitetura caberia o duplo aspecto: tanto reflete os desejos de uma vida moderna, de caráter especificamente volátil, através das formas que as construções assumem em dada época; quanto são frutos da sensibilidade de quem projeta as construções, ao pensar sobre o espaço construído como capaz de influenciar a maneira de viver das pessoas. Segundo o autor, no período arquitetônico denominado modernista, foi forte a ideia na qual através das construções ou estilos construtivos de determinados tipos de prédios se moldariam os indivíduos.

Nesta lógica, a arquitetura pós-modernista abandonaria tal intento, aceitando muito mais a ideia de que o espaço construído é, ao mesmo tempo, o terreno em que as práticas cotidianas se exercem, a condição necessária para que elas existam e o quadro que as delimita e lhes dá sentido. COSTA GOMES (2002) entende que o arranjo físico do espaço urbano influencia determinadas práticas cotidianas, mas há dinamicidade nesta relação que desencadeia mudanças no fazer cotidiano e, por consequência, na desorganização e reorganização do espaço. A ordem espacial pode influenciar as práticas, fazendo com que elas dependam, num dado momento, da distribuição espacial. Mas as formas espaciais explicam parte das maneiras de ser de determinado grupo social e estas maneiras de ser afetam, inversamente, a composição do espaço.

Como definiu SANTOS (1992), o espaço é uma instância da sociedade, portanto de essência social. Como instância econômica-cultural-ideológica, contém e é contido por várias instâncias. Não é formado tão somente por coisas palpáveis, naturais ou construídas, mas engloba a sociedade que atua neste espaço. Por um lado, a paisagem; por outro, o que dá vida a ela. A dinamicidade das mudanças reside nesta imbricação entre as instâncias, na medida em que as mudanças do fazer cotidiano implicam em sua permanente alteração.

Para HARVEY (1980), ao se analisar o espaço construído é necessário relacionar as formas espaciais aos seus respectivos processos sociais. As construções demonstram a dinâmica da cidade, sendo símbolos referentes ao processo pela qual passam, ao nível de transição em que se encontram.

Justamente nesta ruptura do espaço como influenciador dos indivíduos que nele habitam que reside a essência da diferença do modernismo e pós-modernismo. HARVEY (1994) ressalta que o modernismo universal se identificaria com a crença no progresso linear, nas verdades absolutas, no planejamento racional de ordens sociais ideais e na padronização do conhecimento e da produção. O marco do pensamento pós-modernista, em contraste, privilegiaria a heterogeneidade, a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural, a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou totalizantes. Do modernismo surgiu um sentimento anti-modernista nos anos 60, que abriria espaço para o pluralismo retornado do pós-modernismo nos anos 1968-72.

A arquitetura pós-modernista seria exemplo disto, ao pegar partes e pedaços do passado de maneira bem eclética e os combinar à vontade, uma vez que há pouco esforço aberto para sustentar a continuidade de valores, crenças ou mesmo de descrenças. Os prédios seriam concebidos não mais como um todo unificado, mas como junção de partes distintas e não necessariamente alinhadas umas com as outras, sem necessidade de unidade, suscetíveis à variedade de interpretação (HARVEY, 1994).

Pensar especificamente no habitar dos indivíduos foi o que marcou a ruptura na elaboração arquitetônica das construções modernistas. Segundo STROETER (1986), foi o momento em que arquitetos passaram a ter maior preocupação com o bem-estar e qualidade de vida, que estas deveriam prevalecer sobre as demais questões. Por isso, a profusão da ideia de simplificação na construção, rompendo com o passado carregado de adornos. Da Bauhaus que assemelhava a moradia como uma máquina bem lubrificada, onde a disposição arquitetônica deveria condizer com esta funcionalidade. A forma e estética das obras deveriam resultar dessa concepção e os arquitetos, como artistas criadores, deveriam compreender a essência dos problemas propostos e adotar soluções da maneira mais adequada possível, a partir de suas capacidades de entender tais necessidades humanas.

Uma tensão entre projetar partindo de determinados procedimentos e agregar a livre expressão da forma arquitetônica. Aspectos comuns como simetria, unidade e variedade, necessidade, racionalidade, que vão se consubstanciar na planta como elemento gerador, tratamento da superfície e volumes, pilotis, fachada livre, janela contínua e terraço-jardim. Ironicamente, foi esta preocupação exacerbada com a forma que aprisionou a arquitetura modernista na sua própria estética, abrindo caminho para questionamentos aos dogmas modernistas e fazendo ressurgir a estética como elemento criador, naquilo que ficaria conhecido como arquitetura pós-modernista (STROETER, 1986).

Tal multiplicidade de expressões marca o designado período pós-modernista na arquitetura, nas últimas três décadas do Século XX, englobando tendências díspares e permitindo coabitar uma profusão de ideias. NESBITT (2008) escreve que este momento é marcado pelo desejo de ultrapassar os limites teóricos do modernismo sem, contudo, substituí-lo por nenhum outro estilo singular. Ao contrário, um pós-modernismo arquitetônico marcado pelo pluralismo, em que se questiona, inclusive, a real contribuição da funcionalidade espacial no bem-estar dos indivíduos. Ao invés disso, pensar o lugar da obra arquitetônica no contexto urbano, a arquitetura como expressão simbólica da sociedade, a harmonia do espaço construído em relação ao corpo humano, à escala dos indivíduos que nele habitam. Onde o espaço existente,



Figura 1 – Fachada do Condomínio Edifício Solar da XV.
Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.

natural e modificado, revela a verdadeira arquitetura do lugar, pois reflete sua cultura, história, memória, desejos e concepções mais díspares.

Uma arquitetura que não tem por intuito mudar o mundo e as pessoas, ser a salvação da humanidade e redenção do mundo, mas que se interessa pela reforma social, contribuindo para a melhoria do ambiente urbano. Nesta arquitetura pós-modernista, resgata-se a concepção estética como importante para a elaboração da obra: o sublime, o belo e a beleza. Retoma-se a preocupação na recepção das obras arquitetônicas pelo público. Os prédios voltam a ser analisados pelos seus simbolismos. A arte vai desempenhar um papel tão relevante quanto a tecnologia. É partindo dessa concepção teórica que mapeamos prédios considerados representativos da arquitetura pós-modernista pelotense.

Arquitetura pós-modernista pelotense

A arquitetura pós-modernista em Pelotas pode ser considerada diversificada, embora nem todas as correntes sejam especificamente representadas. Os doze prédios selecionados no quadrilátero da Zona Norte, considerados representativos da arquitetura pós-modernista, transitam nestas diversas correntes: combinam elementos da arquitetura modernista com formas geométricas puras, marcação de topo e base, inexistência de elementos ornativos e a monumentalidade do projeto; utiliza formas orgânicas pontuais para reforçar a ludicidade; bem como resgatam elementos do passado, principalmente na fachada e aberturas.

Os prédios considerados neo-racionalistas se caracterizam pela releitura da linguagem racionalista, pelo uso de figuras geométricas e pelas regras de composição, ao mesmo tempo que cruzam referências culturais de sentido regional para além do universalismo nivelador. Utilizam muitas das concepções arquitetônicas do modernismo, mas sem abrir mão das cores e texturas variadas e da marcação de topo e base (ARANTES, 2001).

O Condomínio Edifício Solar da XV (Figura 1) é exemplo do ineditismo do pós-modernismo pelotense. Localizado no lado oeste da rua Quinze de Novembro, entre as ruas Amarante e Padre Felício, aparenta ter mais de três décadas. Sua fachada foi dividida em três partes horizontalmente. No lado direito, foram dispostas sacadas em formato arredondado e aberturas em alumínio preto fosco, com altura compreendendo todo

Figura 2 – Fachada do Condomínio Versailles. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.



Figura 3 – Fachada do Condomínio Residencial Michel Karam. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.



pé-direito. Na parte central, as aberturas também são alumínio preto fosco, com altura compreendo todo pé-direito, mas foram dispostas de modo a aparentemente fechar uma sacada retangular. No lado esquerdo, uma sacada de esquina, separado por uma coluna arredondada, pintada em cor diferente das demais cores do prédio, com clara intenção de destacá-la na composição (detalhe 1.1). Verticalmente, o prédio conta com quatro pavimentos destinados aos apartamentos, o térreo destinado às garagens, e a cobertura, possivelmente agregada ao último apartamento. No lado esquerdo, a coluna arredondada aparenta sustentar o topo do prédio.

Outros três exemplos mais recentes desta releitura com influência modernista. O Condomínio Versailles (Figura 2), localizado na avenida Dom Joaquim, entre a avenida General Osório e a rua Guilherme Wetzel, tem a fachada dividida verticalmente em uma parte central e duas laterais. A parte central tem, em cada andar, janela com arco abatido e venezianas com caixilho enxadrezado (detalhe 2.1). Nas laterais foram alocadas as varandas privadas dos apartamentos, originalmente com guarda-peitos, mas atualmente fechadas em vidro. Horizontalmente, o prédio é marcado pelas características topo-base. O primeiro pavimento difere dos demais, pela maior altura do pé-direito, pelo avanço que permitiu uma área avarandada, pelos três arcos abatidos e pela própria cor em tom mais escuro que as demais partes do prédio. O topo, acima do



Figura 4 – Fachada do Condomínio Residencial Da Luz. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.



Figura 5 – Fachada do Condomínio Monte Carlo. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.

sexto pavimento, é dividido igualmente em uma parte central, com eitão em forma de arco abatido (detalhe 2.2), e duas laterais, onde foram postos balaústres de cimento, que aparecem igualmente na parte superior central do primeiro pavimento, de forma a ressaltar a junção do antigo com o contemporâneo (detalhe 2.3).

O Condomínio Residencial Michel Karam (Figura 3) traz igualmente estes elementos caracteristicamente modernistas. Localizado na avenida Dom Joaquim, esquina rua Quinze de Novembro, tem seis pavimentos que marcam esta influência. O primeiro remete ao piloti, fazendo da área livre um espaço de lazer aos moradores (detalhe 3.1). Os pavimentos dois a cinco são destinados ao espaço privado. O lado esquerdo da fachada é marcado pela volumetria caracterizada tanto pelo avanço da sacada, quanto pelas linhas sobressalentes da própria construção, de certa maneira suavizadas e minimizadas no uso da cor branca em todo prédio. No lado direito constam somente pequenas aberturas de uso em banheiros. O sexto e último pavimento é marcado pelo fechamento da volumetria visto no avanço da sacada dos pavimentos inferiores, com um eitão em alvenaria, em formato triangular que dá forma e caimento ao telhado. Na parte inferior do eitão foi feito um arremate em forma de semicírculo. O lado direito da fachada foi reservado ao terraço-jardim adaptado como cobertura (detalhe 3.2).

Figura 6 – Fachada do Edifício Quinze de Novembro. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.



O Condomínio Residencial Da Luz (Figura 4), localizado na rua Gonçalves Chaves, entre as ruas da Luz e Antônio dos Anjos, igualmente tem fachada dividida verticalmente em uma parte central e duas laterais. Embora semelhantes, estas laterais não são idênticas. A parte central foi totalmente revestida com vidros translúcidos, dispostos retangularmente em formato côncavo, de fora para dentro. Essa forma côncava destoa proposadamente do padrão retilíneo dos demais itens da fachada, tanto na horizontal quanto na vertical, como elemento diferenciado da composição geometrizada (detalhe 4.1). Para marcar a divisão entre a parte central e as laterais utilizou-se de mármore. A parte central possui topo bem marcado, definido com a mesma divisão em mármore. As laterais foram marcadas por sacadas em toda sua extensão, com guarda-corpo em alumínio branco e vidro. O pavimento térreo é marcado por quatro pilotis em mármore, sendo aberto na parte esquerda e fechado com vidro na parte direita.

As quatro construções seguintes têm por característica marcante as formas geométricas. Podem ser considerados neo-racionalistas com forte composição geometrizada, com elementos volumétricos retangulares ou arredondados, alguns com distorções de suas formas. O Condomínio Monte Carlo (Figura 5), localizado no final norte da rua Senador Carlos Barbosa, tem seis pavimentos destinados aos apartamentos, além do térreo aberto, destinado às garagens. Traz em sua composição o elemento da distorção vertical das formas geométricas retangulares. O bloco central (que na imagem aparece à esquerda) tem os primeiros pavimentos mais recuados em relação aos últimos pavimentos, fazendo com que o edifício avance à medida que ganha altura (detalhe 5.1). Contrariamente, as sacadas laterais (na imagem ao centro-esquerdo) são mais avançadas nos primeiros andares e diminuem nos andares superiores (detalhe 5.2). Na fachada lateral, tal elemento de distorção desaparece. No pavimento térreo foram utilizados pilotis em formato retangular e em arco. O topo não recebeu tratamento específico para marcá-lo, com exceção da cinta de concreto arredondada acima das sacadas, trazendo a ideia de que está “amarrando” os blocos (detalhe 5.3).



Figura 7 – Fachada da residência de esquina atual e anterior à reforma. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016, e Google Street View, obtida em fevereiro de 2017.

O Edifício Quinze de Novembro (Figura 6), localizado no lado leste da rua Quinze de Novembro, entre as ruas Amarante e Padre Felício, possui quatro pavimentos destinados à área residencial, mais o térreo destinado a garagens e hall de entrada, onde se destacam os pilotis em formato retangular. Para ressaltar os pavimentos, utilizaram revestimento imitando mármore, de forma inteiriça nas sacadas e acima do primeiro e do último pavimento, que fazem o fechamento do topo, caracterizando-o de forma marcante. O prédio recebeu tratamento da fachada em formato arredondado, tendo em destaque uma sacada central, com guarda-corpo em alumínio preto e vidro fumê (detalhe 6.1). Foram utilizadas janelas em alumínio branco e persianas, com altura de colocação mais baixa que a normalmente utilizada. A diferença foi compensada com o uso de caixilho translúcido, permitindo assim maior entrada de iluminação natural (detalhe 6.2). Destaca-se ainda no prédio o uso de vidros temperados como muro separando a calçada do pequeno jardim privado. As portas de acesso principal, tanto de pedestres quanto dos veículos, também foram confeccionadas em vidro temperado.

Um exemplo de reforma é a da residência localizada na esquina das ruas Armando Gastaud Sica e Paulo Marques (Figura 7), que foi modificada a partir de reforma de residência já existente (detalhe 7.1). É possível perceber que o recuo e a disposição principal das paredes externas foram mantidos, bem como os espaços destinados aos cômodos, em especial, a garagem. A reforma trouxe elementos geometrizados, de forma a agregar à composição o novo estilo pós-modernista. O principal elemento de destaque é o volume que marca o acesso principal da residência, em formato retangular distorcido, pintado em cor mais escura do que as demais partes da residência (detalhe 7.2). O acesso ganhou cobertura em alumínio branco e vidro. No pavimento superior foi construído um bloco com parte do teto inclinado, que recebeu cobertura de vidro, igual ao das paredes. As janelas foram confeccionadas em madeira, com venezianas deslizantes horizontalmente, o que ressalta na composição devido ao tamanho. Na reforma, o muro de gradil deu lugar aos vidros temperados, inclusive nos acessos de pedestres e da garagem.

Figura 8 – Fachada da Clínica OtoPlena. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016. Figura 9 – Fachada do antigo Restaurante Chu. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016.



Já a Clínica OtoPlena (Figura 8), localizada na rua Padre Anchieta, entre a rua Barão de Azevedo e avenida Dom Joaquim, foi construída a partir de um lote ocupado por uma residência demolida, permitindo receber toda estrutura nova. Na fachada destacam-se três volumes retangulares, definidos a partir do uso diversificado de materiais. No bloco principal utilizou-se aço escovado em cor que remete à ferrugem (detalhe 8.1). O bloco avançado é formado de vidros jateados, encaixados em alumínio branco, utilizados igualmente nas demais aberturas. O terceiro bloco, que fica recuado, é rebocado e pintado na cor cinza escuro. Na lateral direita destaca-se a parede feita em concreto aparente, de característica brutalista (detalhe 8.2), técnica usada também para marcar o fechamento frontal, que esconde o portão de enrolar, trazendo segurança ao prédio. Na calçada e no acesso da garagem foram utilizados paralelepípedos de pedra. No estacionamento frontal foram utilizados blocos de concreto vazados com gramíneas. Para destacar o acesso à porta principal, utilizou-se pedra regular polida.

Os três prédios selecionados como pós-modernistas historicistas trazem elementos que os identificam com a arquitetura protomoderna, embora possam ser incluídas como do período eclético, ambas ainda muito presentes no centro da cidade de Pelotas. Segundo JANTZEN e OLIVEIRA (2016), se as edificações ecléticas datam do final do século XIX e início do século XX, as protomodernas são vistas dos anos 1920 a 1950-60. Por esta confluência de padrão de estilos, podem ser consideradas neo-ecléticos por praticarem releitura de elementos históricos e aplicando estas características na arquitetura atual. Esta releitura unindo passado e presente tem por influência a preservação arquitetônica europeia, em especial a italiana, cujos projetos de reabilitação urbana e de reutilização de antigos edifícios favorecem, segundo FICHER (1985), maior sensibilidade para valores atemporais e ajustam-se estrategicamente ao movimento ecológico.



Figura 10 – Fachada do Escritório de Advocacia Eduardo Menezes Gomes da Silva. Fonte: fotografia do autor, registrada em setembro de 2016. Figura 11 – Fachada da Clínica Angloror.

O prédio do antigo Restaurante Chu (Figura 9), localizado em lote de esquina nas ruas Andrade Neves e Barão de Azevedo Machado, é exemplo desta unificação ao compor dois estilos: o eclético-protomoderno remodelado e o contemporâneo de linhas geometrizadas. Partiu-se da preservação da fachada existente na face leste, retirando-se o reboco para deixar à mostra os tijolos maciços assentados disformemente (detalhe 9.1). Na face norte, utilizou-se de traçado uniforme moderno, com aberturas em vidro. Para unir os padrões, optou-se pela simbologia do silo de armazenagem, uma estrutura circular com fachada recoberta de telhas de zinco enferrujadas e um enclave retangular como hall de entrada do público. Os elementos do prédio sofrem da segregação ao separar estilos diferentes, destacando-se as desigualdades no campo visual, contrastando tais visões de modo que seja estimulada a percepção da diferença de estilos. A obra tem ambiguidade por apresentar forte diversidade de linguagem arquitetônica, que admite mais de uma leitura no mesmo campo de visão. As fachadas de estilos diferentes remetem às lembranças de outrora e do presente. Por fim, o elo tem como característica principal o arredondamento de suas linhas, reforçados pela utilização de telhas em zinco, com chanfraduras em forma de onda que, dispostas de maneira horizontal, reforçam continuamente a perspectiva proposta.

Igualmente mesclando estilos, o Escritório de Advocacia Eduardo Menezes Gomes da Silva (Figura 10), localizado em lote de esquina na rua Antônio dos Anjos e avenida General Osório. A parte eclética existente na esquina foi preservada em sua maior parte, recebendo nova pintura em única tonalidade (detalhe 10.1) e com as aberturas originais sendo substituídas por vidros fixos. Agregou-se lote anexo para construção da fachada contemporânea, com destaque para dois volumes retangulares. O primeiro em cor clara, mais à esquerda, e o segundo em cor escura, levemente à frente, para marcar o acesso principal. Acima deste bloco, uma forma vazada circular (detalhe



10.2). Nota-se que a fachada eclética é entrecortada por este bloco de entrada, que também serve de elo. Destaca-se no conjunto a percepção dos dois estilos, que se mostram segregados, mas entrecruzados ao mesmo tempo.

O terceiro prédio de caráter historicista é o da Clínica Angiocor (Figura 11), localizado na rua Gonçalves Chaves, entre as avenidas Domingos de Almeida e Bento Gonçalves. Neste, a fachada foi totalmente remodelada em estilo contemporâneo, mas se mantiveram aspectos que remetem ao eclético, com alinhamento da construção rente ao passeio público, dois pavimentos bem definidos pelas aberturas retangulares – embora no lado direito foram utilizados vidros fixos para tão somente manter a fachada eclética reestilizada, sendo que por trás da fachada tem-se um pequeno pátio descoberto. Outra característica marcante que remete ao ecletismo é o acesso através do centro do prédio, onde foi colocada uma porta com desenho eclético, vazada com fechamento em vidro e grade de ferro (detalhe 11.1).

O décimo-segundo e último prédio selecionado para análise foi o do Restaurante Ichiban (Figura 12), localizado na rua Padre Anchieta, entre as ruas Antônio dos Anjos e Rafael Pinto Bandeira. Único considerado como representativo da arquitetura pós-modernista virtual, por utilizar elementos na composição de sua edificação com a finalidade apenas de produzir efeito, para compor a forma, não sendo um elemento estrutural.

A fachada deste prédio foi remodelada em estilo contemporâneo, mas se procurou marcar o acesso principal com porta dupla em ferro, pintadas na cor amarela, acompanhando o gradil ou fachada falsa no mesmo material e cor, vazado de forma a remeter ao bambu-metake (detalhe 12.1), vegetação característica da flora asiática, de países como Coréia do Norte, Coréia do Sul e Japão. Tal elemento marca o estilo gastronômico da culinária servida no restaurante japonês. Nota-se que a construção foi mantida na beira da calçada, algo bem característico da arquitetura eclética pelotense.

Conclusão

Retomando o conceito de pós-modernidade no sentido estético, utilizado pela necessidade de se marcar a diferença histórica em relação às gerações anteriores, é possível concluirmos que a arquitetura pós-modernista fez ressurgir a estética como elemento criador, rompendo com a ideia de que o espaço possa ser um elemento influenciador dos indivíduos, mas onde deva prevalecer o bem-estar e a qualidade de vida.

Nos doze prédios apresentados se destacam as composições geometrizadas, muitos

com características modernistas, como o uso de pilotis ou mesmo marcações topo-base. Mesclam-se estilos, como eclético e contemporâneo, com ênfase no uso de linhas geometrizadas. Neste sentido, podem ser considerados representativos da arquitetura pós-modernista, com sua multiplicidade de expressões, englobando tendências díspares e abrindo possibilidades para o pluralismo de expressões e formas construtivas.

Em que pese o fato da zona selecionada não estar no centro histórico, onde predomina o ecletismo arquitetônico, podemos considerar que parte dos exemplos trazidos neste estudo são enclaves no conjunto arquitetônico pelotense, visto que diferem em alto grau dos demais prédios que compõem a paisagem urbana da região. É o caso de duas das categorias apresentadas.

Nos prédios com arquitetura pós-modernistas neo-racionalistas, as subcategorias: ineditismo, com o Condomínio Edifício Solar da XV (Figura 1); influência modernista, com os condomínios Versailles (Figura 2), Residencial Michel Karam (Figura 3) e Residencial Da Luz (Figura 4); e composição geometrizada, com o Condomínio Monte Carlo (Figura 5), o Edifício Quinze de Novembro (Figura 6), a residência de esquina (Figura 7) e a Clínica Otoplena (Figura 8). Inclui-se aí a categoria arquitetura pós-modernista virtual, com o Restaurante Ichiban (Figura 12),

Na categoria da arquitetura pós-modernista historicista podemos considerar que foram agregados no projeto arquitetônico elementos característicos da composição urbana pelotense, com adaptações pós-modernistas. Portanto, são propostas que se aproximam enormemente da arquitetura eclética da região, podendo ser consideradas neo-ecléticas, visto unirem passado e presente. É o caso do prédio do antigo Restaurante Chu (Figura 9), do Escritório de Advocacia Eduardo Menezes Gomes da Silva (Figura 10) e da Clínica Angiocor (Figura 11). O hibridismo construtivo visto nestes exemplos reforça a identidade pelotense, que marca que sua diferença em relação às demais regiões.

Finalizamos destacando o lugar destas propostas arquitetônicas no contexto urbano de Pelotas que expressam simbolicamente sua sociedade ao unir estilos do passado a conceitos do presente. Neste sentido é que ressaltamos a virtude da análise arquitetônica, que reside na capacidade de distinguir o que é importante e o que não é.

Referências

- ARANTES, O.B.F. 2001. *Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 244 p.
- BENEVOLO, L. 2007. *A arquitetura no novo milênio*. São Paulo, Estação Liberdade, 496 p.
- BERMAN, M. 1986. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia da Letras, 360 p.
- BOLLE, W. 1996. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 332 p.

COSTA GOMES, P.C. 2002. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 304 p.

FICHER, S. 1985. *Anotações sobre o Pós-Modernismo*. *Projeto*, n. 74, abr., 1985, pp. 35-42

HALL, S. 2004. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 102 p.

HARVEY, D. 1980. *A justiça Social e a Cidade*. São Paulo: Hucitec, 292 p.

HARVEY, D. 1994. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 350 p.

JANTZEN, S.A. D.; OLIVEIRA, A.L.C. 2016. Brasil, extremo sul, tipologias tradicionais: descaracterização ou preservação? *In: 4º Colóquio Ibero-Americano Paisagem cultural, patrimônio e projeto*. Belo Horizonte, set/2016, *Anais 4º Colóquio Ibero-Americano Paisagem cultural, patrimônio e projeto*. Belo Horizonte. Volume 1: Artigo 159, 18 p. Disponível em <http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2016/artigos/pdf/159.pdf>. Acesso em 17/10/2018

KEMP, M. 2009. *Interactive Architecture*. New York: Princeton Architectural Press, 256 p.

NESBITT, K. 2008. *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac & Naify, 664 p.

RANGEL, V., RIBAS, M.C. 2011. Sobre a Aventura da Modernidade. *In: Revista Anagrama*, n.4, Jun-Ago, 22 p. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/download/35550/38269/> Acesso em 22/11/2018

SANTOS, M. 1992. *Espaço e Método*. 3ª ed. São Paulo: Nobel, 120 p.

STROETER, J.A. 1986. *Arquitetura e teorias*. São Paulo: Nobel, 210 p.